


ruep

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa
v. 20, n. 60, jul./set. 2023
ISSN 2318-2083 (eletrônico)

**CAMYILLE CHRISTINE TOLEDO BOMFIM
DOS SANTOS**

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

**ROBERTO ARAÚJO DA SILVA VASQUES
RABELO**

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,
Santos, SP, Brasil.*

*Recebido em agosto de 2023.
Aprovado em dezembro de 2023.*

VIRTÙ, FORTUNA E ESTADO EM NICOLAU MAQUIAVEL: FUNDAMENTOS DO REALISMO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

RESUMO

O presente trabalho objetivou, através de revisão narrativa bibliográfica, identificar de que modo os conceitos de Virtù, Fortuna e Estado, em Nicolau Maquiavel, influenciaram a formação e estabelecimento do Realismo Político enquanto teoria das Relações Internacionais. À vista disso, concluiu-se que a teoria maquiaveliana fundamentou o pensamento realista especificamente na interpretação de poder, anarquia, competição e sobrevivência. A visão maquiaveliana que se contrapôs aos ideais românticos e à análise subjetiva do sistema internacional foi reinterpretada por realistas para aplicação em contexto internacional, apontando a aquisição e a manutenção do poder como os principais objetivos das soberanias para a subsistência em um cenário permanentemente anárquico.

Palavras-Chave: nicolau maquiavel. realismo. relações internacionais.

T VIRTÙ, FORTUNE AND STATE IN NICCOLÒ MACHIAVELLI: FOUNDATIONS OF REALISM IN INTERNATIONAL STUDIES

ABSTRACT

It aimed, through a bibliographical narrative review, to identify how the concepts of Virtù, Fortune and State, in Niccolò Machiavelli, influenced the formation and establishment of Political Realism as an International Studies theory. In view of this, it concluded that Machiavellian theory based the realistic thinking specifically on the interpretation of power, anarchy, competition and survival. The Machiavellian view that opposed the romantic ideals and the subjective analysis of the international system was reinterpreted by the Political Realism for application in an international context, pointing to the acquisition and maintenance of power as the main objectives of sovereignties for subsistence in a permanently anarchic scenario.

Keywords: niccolò machiavelli. realism. international studies.

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa

Rua Dr. Armando de Salles Oliveira, 150
Boqueirão - Santos - São Paulo
11050-071

<http://revista.lusiada.br/index.php/ruep>
revista.unilus@lusiada.br

Fone: +55 (13) 3202-4100

INTRODUÇÃO

O Realismo é uma vertente da Filosofia Política que defende a separação entre moral e política, tanto do ponto de vista prático, quanto teórico. O Realismo está presente na fundação da política moderna, pois auxiliou no processo de secularização do Estado, bem como ofereceu condições para o desenvolvimento de burocracias especializadas no âmbito de administração pública. Nas Relações Internacionais o Realismo opera como fundamento epistemológico relevante, porque considera as disputas de poder interestatais como concorrências por posições hegemônicas no sistema internacional.

O presente trabalho discute as fundações de princípios teóricos do Realismo no âmbito das Relações Internacionais. De modo específico, o estudo explora contribuições oriundas de elementos, premissas e conceitos da obra de Nicolau Maquiavel, a fim de identificar e oferecer respostas à seguinte questão problema: de que forma a produção teórica maquiaveliana oferece fundamentos para o Realismo Político?

Ao analisar de maneira contígua a teoria realista em Relações Internacionais e a perspectiva maquiaveliana observa-se que ambas dialogam reiteradamente. A obra *O Príncipe*, publicada em 1532, expõe conceitos-chave para o entendimento e a prática da Política, tais como *Virtù* Fortuna e Estado (MAQUIAVEL, 1982; 2007; 2021). Equitativamente, a vertente realista vê o Estado como parte central das Relações Internacionais. Por colocar o cenário internacional como anárquico, desprovido de força suprema a qual todos os atores devem se submeter, cada um dos Estados é responsável por zelar pela própria sobrevivência, sendo tal ambiente essencialmente inseguro, competitivo e carregado de desconfiança (SANTOS, 2012; JACKSON; SORENSEN, 2018).

Antigamente, o estudo acerca do cenário internacional, seus membros e interações era visto como algo exclusivo às elites. Hoje, com a facilitação do acesso à informação e a globalização, tais conteúdos se tornaram acessíveis e essenciais no entendimento da própria realidade. O mundo globalizado evidencia a necessidade de trazer à memória fundamentos das Relações Internacionais enquanto disciplina, para identificar de que modo seus atores se relacionam, prevenir possíveis conflitos e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Este artigo caracteriza-se como ensaio teórico e foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica narrativa (ROTHER, 2007; CANUTO; OLIVEIRA, 2020), pressupondo que a análise da obra de Nicolau Maquiavel, somada à observação de artigos e estudos pertinentes, possibilita compreensões significativas do Realismo em Relações Internacionais. Desse modo:

Os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. As revisões narrativas não informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos. Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor (ROTHER, 2007, p. 2).

Por conseguinte, além de oferecer entendimentos sobre princípios teóricos do Realismo, o presente estudo busca analisar premissas analíticas com caráter realista e entender de que modo essas interpretam e definem funções e deveres fundamentais de um Estado.

O texto inicia-se com breve panorama sobre o contexto histórico de Nicolau Maquiavel e discorre sobre suas influências na formação da perspectiva desse autor enquanto pensador político. Em seguida apresenta a visão maquiaveliana sobre o Estado e descreve outros conceitos fundamentais de sua produção teórica. Por fim, apresenta uma análise da teoria realista a partir de articulações entre os aspectos suscitados pelas concepções de *Virtù*, Fortuna e Estado em Maquiavel, que atuaram como bases epistemológicas para o desenvolvimento desse campo teórico em Relações Internacionais.

A RENASCENÇA ITALIANA: BASES PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO MAQUIAVELIANO

A fim de compreender de que modo a visão política de Nicolau Maquiavel foi construída, faz-se mister contextualizar o período histórico no qual viveu. Considerado o fundador da Teoria do Estado, Nicolau Maquiavel (1469-1527) nasceu em Florença, na Itália, e foi um notável filósofo do Renascimento. De modo geral, o termo Renascimento refere-se ao movimento intelectual e artístico que surgiu na Itália, entre os séculos XIV e XVI, e difundiu-se aos demais países da Europa. Tal movimento estabeleceu novos métodos e princípios artísticos - em especial a perspectiva, nas artes visuais - além do notável desenvolvimento literário e científico. Conforme Queiroz (1995, p. 11-12), o Renascimento é caracterizado por um sentimento de oposição à Idade Média, assim:

Contraopondo-se à agonia da Idade Média, incapaz de absorver as grandes tentativas de libertação criativa de Dante, Petrarca e outros, teria surgido a Renascença; esta toma sentido ao reconciliar a arte e a razão, o belo e o verdadeiro. A pedra fundamental da Renascença fora lançada por Brunelleschi, em 1420, ao descobrir as leis da perspectiva, mas seu verdadeiro propósito seria a descoberta do mundo e do homem. A retórica da ruptura, da dualidade vida e morte, do contraponto monstruosidade e racionalidade (QUEIROZ, 1995, p. 11-12).

A Renascença italiana propiciou o desenvolvimento de uma visão de mundo que se contrapôs à visão medieval, fazendo com que a sociedade italiana perdesse seu caráter feudal dividindo-se em cidades com autoridades distintas.

Esse período caracterizou-se, também, pela valorização da racionalidade e de ideais humanistas, além da ênfase ao rigor científico, intensificado com a emergência do paradigma moderno. Em simultâneo ao Renascimento, houve a expansão marítima, que possibilitou a exploração de novas terras e a Reforma Protestante, que diminuiu o domínio da Igreja Católica sobre a sociedade.

Outrossim, durante o Renascimento a valorização do *mythos* para se pensar a realidade foi questionada, portanto o olhar dado ao estudo de um Ser Supremo, suas determinações e vontades, foi substituído pelo voraz estudo do ser humano nos âmbitos físico, mental e espiritual. Nota-se que as manifestações artísticas, os valores, o desenvolvimento tecnológico e os frutos do Renascimento apontavam para um modo de compreender a realidade a partir de um ponto de vista racional, não se apegando a especulações teológicas. A visão difundida no período renascentista ofereceu bases para o pensamento maquiaveliano e para a construção das bases epistemológicas de sua ideologia política.

O cenário do Renascimento tornou-se conflitante com a convicção do período de que a única forma válida de governo seria a de caráter monárquico constitucional. Diante disso, nota-se que o ideal de liberdade fomentado no período renascentista fez diminuir o poder monárquico e converteu as cidades da Itália em repúblicas independentes. Posteriormente, com a morte do Papa Bonifácio VIII, ocorreu o fim da fase medieval da história da Igreja e a diminuição da importância política do poder papal. A difusão do ideal de liberdade durou pouco tempo, pois a luta das facções internas italianas forçou as cidades a abandonar as constituições republicanas e a acatar o poder de um único líder, a fim de atingir maior paz entre elas.

Diante disso, nasceu um novo estilo de teoria política - o de exortação, onde esses líderes passaram a ser louvados por terem trazido a unidade e a paz a suas cidades, que antes se encontravam em uma liberdade caótica (ARNAUT; BERNARDO, 2002). Uma pequena parcela das cidades italianas resistiu a mudança e a ascensão desses déspotas, como ocorreu na cidade de Milão, por exemplo. Milão defendeu veementemente sua constituição republicana e foi a cidade que mais se empenhou em deter o avanço dos déspotas.

Assim como Milão, houve ampla resistência dos florentinos aos desafios internos que ameaçavam sua independência no século XIII. A cidade de Florença, terra natal de Maquiavel, exerceu grande contribuição para a formação do pensamento político moderno. No século XIII, o governo florentino já encontrava-se desgastado e com um alto grau de rivalidade entre os diversos cargos que exerciam seu comando. Posteriormente,

no século XIV, a cidade já se destacava na produção artística, como por exemplo na literatura e na pintura. Ademais, grandes discussões em torno de questões políticas e morais ganharam espaço, devido aos esforços da população em manter sua relativa liberdade, agindo constantemente contra os líderes. Tais conflitos, mudanças e discussões agiram como fontes de inspiração para a estruturação do pensamento político maquiaveliano.

A VISÃO POLÍTICA MAQUIAVELIANA E OS CONCEITOS DE *VIRTÙ*, FORTUNA E ESTADO

Dentre os principais escritos de Maquiavel está sua obra emblemática denominada *O Príncipe*. Tal produção foi publicada em 1532, após a morte do autor, e é considerada um manual para governantes conquistarem poder e mantê-lo. Nela, Maquiavel explora diversos tipos de principados, formas de conquistar e perder poder e diferentes dificuldades e facilidades que podem ser encontradas na jornada de conquista e, posteriormente, de manutenção do governo.

Maquiavel estabeleceu dois modos de tornar-se governante, que são: através da *Virtù* ou da Fortuna, ou seja, mediante habilidade ou sorte. Ademais, o autor foi pioneiro das teorias contratualistas, defendendo o Estado como fruto de um acordo entre sociedade e príncipe (líder/governo). Maquiavel produziu esse texto a fim de instruir Lourenço de Médici para a correta condução de seu reinado, afirmando que após longo tempo de observação e estudo foi capaz de entender a natureza dos príncipes. Nesse sentido:

[...] a *virtù* da qual Maquiavel explora em *O Príncipe* são qualidades políticas e morais que pertencem ao governante - uma *virtù* pessoal -, e a fortuna são indeterminações e acasos que se opõe aos desejos e projetos humanos e investem contra a ação política do governante, sobretudo, quando este busca edificar um Estado duradouro e seguro. No *Discorsi*, a *virtù* da qual o florentino relata são qualidades e habilidades políticas atribuídas ao povo - a plebe romana-, quanto à fortuna, ela passa a investir suas energias, sobretudo, contra o povo e as instituições republicanas. Assim, argumentamos que a *virtù* pode estar presente tanto na figura do príncipe quanto no povo - o guardião da liberdade -, ou seja, ela pode apresentar uma dimensão pessoal e coletiva. Desse modo, podemos sustentar que o par *virtù* e fortuna fundamenta o pensamento político de Maquiavel e está na base do movimento de estabilidade dos principados e das repúblicas (MIQUÉIAS; HOSANA, 2022, v. 9, p. 265).

Maquiavel introduz *O Príncipe* com um panorama da constituição Estatal. O autor afirma que todos os Estados são ou Repúblicas ou Principados, podendo os principados serem totalmente novos ou membros anexados a um Estado hereditário. Tais domínios podem ser conquistados por armas de outrem ou particulares, através de *virtù* ou fortuna, e serão habituados a estarem em situação de independência ou dominação. Dessa maneira:

Todos os Estados - todos os domínios que tiveram e têm império sobre os homens - forma e são repúblicas ou principados. Os principados ou são hereditários, caso em que o sangue de um senhor reina ao longo do tempo, ou novos. Os principados novos, por sua vez, ou são completamente novos, ou membros anexados ao Estado hereditário de um príncipe que os conquista, como o reino de Nápoles em relação ao rei da Espanha. Esses domínios assim conquistados estão habituados a viver sob o mando de um príncipe ou acostumados a ser livres; e são conquistados por armas alheias ou próprias, por sorte ou por mérito (MAQUIAVEL, 2021, p. 7).

A facilidade ou dificuldade de um líder em manter seu poder será fortemente influenciada pela constituição dos Estados. Por exemplo, uma cidade acostumada com a liberdade tende sempre a buscá-la, já aquela acostumada a ser comandada tende a submeter-se, podendo mais facilmente ser dominada. Nos principados novos, onde se estabelece um novo príncipe, a dificuldade para mantê-lo será maior ou menor dependendo da virtude daquele que o conquista.

A transformação de um homem privado em príncipe pressupõe ou virtude ou sorte, e aquele que possui uma dessas qualidades terá menos dificuldades, porém aquele que conta menos com a sorte preserva seu poder por mais tempo. Aqueles que tornam-se príncipes de forma virtuosa conquistam o principado com dificuldade, mas facilmente o preservam. As dificuldades nascem, nesse caso, dos novos costumes que esses introduzem

para fundar seu Estado e segurança. Para mais, Maquiavel afirma que o mais difícil em tornar-se príncipe é introduzir novas disposições pois, fazendo isso, esse toma como inimigos aqueles que se beneficiavam da antiga ordem e seus defensores, tímidos e temerosos, que não creem na eficiência de coisas novas.

Devido a esse cenário, os adversários do príncipe se opõem ao seu governo sempre que possível, sendo apoiados por seus fiéis defensores. Para resistir a tal oposição, faz-se necessário identificar se os opositores possuem força para agir por si mesmos ou se esses dependem de terceiros. Quando esses podem agir por si mesmos, raramente encontram perigo, mas quando dependentes, geralmente não encontram êxito. O bom príncipe deve prever quando seu povo não estará mais persuadido, para assim persuadi-lo pela força. Moisés, Ciro e Romulo, por exemplo, tornaram-se príncipes pela sua virtude e, apesar de terem encontrado obstáculos no caminho, foram capazes de superá-los facilmente. Portanto:

No que diz respeito àqueles que por virtude, e não por sorte, tornaram-se príncipes, digo que os melhores foram Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu e outros semelhantes a eles. E embora as ações de Moisés não haja o que questionar, tendo sido ele mero executor da vontade divina, ainda assim ele deve ser admirado, pela graça que o tornou digno de falar com Deus. Porém, considerando Ciro e outros, que conquistaram ou fundaram reinos, são todos admiráveis (MAQUIAVEL, 2021, p. 26).

Em outro cenário, aqueles que por um golpe de sorte passam de homens comuns a príncipes, como ocorre quando um Estado é concedido em troca de dinheiro ou por graça de quem o concede, chegam com pouco esforço a tal posição e com muito a mantêm. Não encontram dificuldades no caminho porque o saltam, e as dificuldades começam quando já estão estabelecidos. Esses não podem, e não sabem, como manter-se nessa posição por vontade própria. Não sabem por não terem inteligência para comandar e não podem por não possuírem aliados militares. Além disso, por serem principados novos, esses não puderam criar raízes, de modo que o primeiro incidente os derruba. Por outro lado, existem aqueles que, mesmo tendo conquistado por sorte, tomam providências rápidas para conservá-los e acabam por conseguir.

Portanto, é possível tornar-se príncipe por dois modos, ou por virtude ou por sorte. Francesco Sforza tornou-se duque de Milão utilizando-se da virtude, com dificuldades para conquistá-lo e facilidade para mantê-lo. Já César Bórgia chegou ao trono pela sorte de seu pai, e apesar de ter-se esforçado para manejar o governo com virtude, assim como o ganhou pela sorte, pela má sorte o perdeu. O príncipe deve utilizar-se de todo o necessário para manter seu poder, precavendo-se contra o inimigo, ganhando aliados, conquistando o amor ou temor do povo, assim como de seus soldados, eliminando aqueles que podem prejudicá-lo, assim como as tropas desleais, e amigando-se com reis e príncipes.

É indubitável que Maquiavel pode ser considerado um dos pensadores políticos mais influentes da história, tendo sido responsável pela formulação de conceitos que transpuseram sua época e seguem sendo discutidos e debatidos atualmente. Ao dissertar sobre Estado, Nicolau defende a impossibilidade de organização social sem uma firme autoridade centralizadora, havendo controle absoluto sobre os monopólios estatais, tal como os impostos e as leis, justificando assim a supressão dos interesses individuais em prol da segurança desse. Dessa forma, Maquiavel posiciona o Estado ao centro de sua teoria política, colocando-o como entidade autônoma soberana, que deve ser forte, impositiva e priorizada.

O autor ressalta que nenhum critério ético ou moral deverá ser obstáculo para a efetivação do poder estatal, que servirá para a defesa de suas instituições e manutenção da ordem. Esta é a principal função de um bom governante: zelar pelo Estado, conservando-o competitivo em um sistema anárquico em permanente conflito, por meio do exercício de uma liderança estratégica.

O Estado em Maquiavel existe com o intuito de manter a ordem, a estabilidade e a segurança, protegendo os cidadãos e trabalhando, quando possível, em benefício do bem comum. Os interesses deste Estado sobrepõem-se a qualquer interesse

individual. Assim, o governante ou o poder instituído deve apelar para o uso da força se necessário, e tomar, em alguns casos, decisões impopulares.

A *Virtù* torna-se essencial no exercício da gerência de um Estado, manifestando-se nas habilidades de liderança, oratória, persuasão e manipulação, por exemplo. O cenário internacional é imprevisível e as sociedades nacionais sofrem com suas repentinas mudanças. Desastres naturais, guerras, alterações em relações políticas, entre outros ocorrem continuamente. Portanto, pressupor que acontecimentos externos trabalharão em função do governante em todas as situações não seria sábio. Tal fato não significa que o governante deve subestimar a importância da fortuna, todavia também não deve depender dela, pois o estadista ideal deve ser capaz de articular a habilidade à sorte, de modo que o dinamismo do sistema global não instabilize seu governo.

Diante disso percebe-se que os conceitos *Virtù*, Fortuna e Estado foram fundamentais na evolução do pensamento político e nas Relações Internacionais, uma vez que Maquiavel analisou pragmaticamente questões complexas e enfatizou a importância da busca pelo poder, do Realismo na interpretação política e do preparo para enfrentar as adversidades que podem surgir a governantes.

REALISMO E NICOLAU MAQUIAVEL: PRINCÍPIOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O Realismo em Relações Internacionais possui como premissa central a visão da política mundial como uma anarquia formada por Estados soberanos, apreciando os valores da sobrevivência estatal, da ordem e segurança nacional, além da defesa do equilíbrio de poder (JACKSON; SORENSEN, 2018). Nesse cenário, a prioridade de um estadista deve ser zelar pela continuidade do Estado, não havendo obrigações em agir de modo considerado moralmente ideal. A valer, o Realismo propõe uma distinção clara entre moralidade privada e moralidade pública, onde o agir político permite ações não toleradas nas relações naturais ou civis. Essa concepção já nos permite identificar a considerável influência maquiaveliana no discurso realista.

A fim de refletir sobre os modos de se gerir uma República, Maquiavel nos introduziu à história militar romana em seu livro *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* (MAQUIAVEL, 1982). Em sua obra, apresentou a *Virtù* como um fator decisivo na construção de um governo forte, além de produzir diversas críticas à uma das teorias clássicas das Relações Internacionais: o Idealismo. A teoria idealista coloca a eficácia de uma dada gestão pública abaixo do zelo pela moralidade, da defesa de ideais universais, algo que se contrapõe a visão realista maquiaveliana, isto é, de que a moral pessoal não dialoga com a moral política, sendo prioridade do governante zelar pela subsistência do Estado, a todo custo.

O Realismo Político consiste em uma abordagem teórica que aponta o poder como principal orientador do comportamento dos Estados no sistema internacional. Essa teoria em Relações Internacionais foi fortemente influenciada durante o seu desenvolvimento e estabelecimento pelos conceitos de Estado, *Virtù* e Fortuna, em Maquiavel. A fim de fundamentar tal asserção, faz-se mister identificar a similitude entre os discursos e indicar de que modo isso foi feito.

Em primeiro lugar, há a premissa realista de que os Estados necessitam de capacidade militar e poder para salvaguardar seus interesses e sobreviver em meio à anarquia, isto é, preservar-se enquanto participante do sistema internacional. Tal ideal têm suas bases na visão maquiaveliana de que para um governante manter-se no poder e ser capaz de superar e agir eficientemente diante de situações desafiadoras é essencial habilidade política (*Virtù*).

Outrossim, nota-se essa interrelação ao falar sobre Fortuna e o sucesso político. Maquiavel argumentou que o sucesso na esfera política era fortemente influenciado pela Fortuna, que pode ser definida como a sorte e a falta de controle sobre assuntos e situações inesperadas, frutos do acaso. Os realistas enfatizaram, por

meio dessa premissa maquiaveliana, a dubiedade e imprevisibilidade do sistema internacional em que os Estados sempre estão sujeitos a passarem por situações impossíveis de serem plenamente previstas, tais como conflitos armados, mudanças em ordens de poder e crises econômicas.

Ademais, nota-se que os conceitos de Maquiavel foram adaptados pelos pensadores realistas como uma forma de compreender a essência do meio em que os Estados soberanos coabitam, enfatizando o papel do poder e a existência de uma eterna competição fomentada pelo caráter egoísta dessas entidades. O Realismo enfatiza a importância da sobrevivência dos Estados e da manutenção de sua segurança, e aponta a política internacional como competitiva e conflitiva, se opondo à visão idealista de que o sistema internacional pode ser pautado pela construção de cooperação e harmonia universais.

Assim, conclui-se que os conceitos maquiavelianos de Estado, *Virtú* e Fortuna foram fundamentais para a teoria realista. Maquiavel valorizou o agir estatal pragmático e a interpretação realista das Relações Internacionais. Sua obra fundamentou o pensamento realista de que os Estados se encontram em conflito permanente a fim de zelarem pela sua segurança e conservação, devendo fazer o necessário para garantir tais condições, não se deixando influenciar por princípios morais que se oponham ao interesse nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho explorou as interrelações entre os conceitos maquiavelianos de *Virtú*, Fortuna e Estado e a teoria realista das Relações internacionais. Buscou, por meio de revisão narrativa bibliográfica, compreender a Renascença Italiana enquanto movimento orientador da construção da visão política maquiaveliana, explicar as principais características e fundamentos do Realismo e identificar de que modo os conceitos propostos por Maquiavel influenciaram na formação da teoria realista, tendo como problema de pesquisa a questão: como os aspectos suscitados pelos conceitos de *Virtù*, Fortuna e Estado, da obra Nicolau Maquiavel, ofereceram fundamentos para o desenvolvimento do Realismo, enquanto teoria da Relações Internacionais?

A análise permitiu concluir que a Renascença Italiana, enquanto movimento que se contrapôs à visão de mundo medieval e propôs mudanças na ciência, nas artes e na literatura, apontou para um modo racional de compreensão da realidade. Os ideais humanistas, a valorização da racionalidade, o acentuado rigor científico e a forma artística realista de se retratar a sociedade ofereceram as bases para a formulação da visão política maquiaveliana. Das discussões, mudanças e conflitos característicos da época nasceram as fontes de inspiração para a teoria de Maquiavel.

Ademais, discorreu-se a respeito das principais proposições do Realismo Político enquanto Teoria das Relações Internacionais. Essa teoria fundamenta-se na oposição aos ideais românticos, ou seja, na recusa à idealização emocional e exagerada da realidade, buscando analisá-la de modo real e objetivo. Ao falar especificamente sobre tal teoria no contexto das Relações Internacionais, o estudo apontou que o Realismo interpreta o Sistema Internacional como anarquia formada por Estados Soberanos, tendo como principais fundamentos a defesa do equilíbrio de poder, a sobrevivência estatal, a preservação da ordem e da segurança nacional, a clara distinção entre moralidade privada e pública e o uso da capacidade militar para salvaguardar os interesses estatais. Em suma, tem como premissa central a visão do poder como principal orientador do comportamento estatal em meio a anarquia, onde os Estados agem de forma estratégica e competitiva a fim de zelar pela sua sobrevivência.

Ao analisar a teoria realista e os ideais maquiavelianos simultaneamente, fica clara a influência desses na formulação e estabelecimento do Realismo Político. Diante disso, a hipótese do trabalho de que a teoria maquiaveliana, em especial os

conceitos de *Virtù*, Fortuna e Estado, ofereceram bases contundentes para o desenvolvimento da teoria, se confirmou.

Sendo assim, os conceitos de Maquiavel de *Virtù*, Fortuna e Estado ofereceram fundamentos ao Realismo Político pois ambas as teorias compartilham da visão de que os Estados, como entidades soberanas, buscam essencialmente maximizar seus interesses e preservar seu poder, onde estes devem ser livres para recorrer aos meios necessários para alcançar tais objetivos, sejam eles pacíficos ou não.

O Realismo, assim como Maquiavel enquanto pensador político, enfatiza o permanente cenário de tensão, conflito e competição estatal, além da premissa de que manter-se no poder é essencial para a preservação da ordem. À face do exposto, os Realistas aplicam tais perspectivas ao Sistema Internacional e, assim como Maquiavel, defendem o agir político coercitivo e a separação entre ética e política. Desse modo vê-se que os fundamentos do Realismo Político podem ser entendidos como reinterpretações da teoria maquiaveliana adaptadas para a aplicação no contexto internacional.

Em pesquisas futuras pode-se buscar identificar de que modo o manejo da *Virtù* e da Fortuna de fato contribui ou dificulta o sucesso de um governo. Outrossim, novos estudos podem aprofundar-se na Renascença Italiana visando investigar outros elementos relacionados a esse movimento filosófico, estético e político.

REFERÊNCIAS

- ARNAUT, Cezar; BERNARDO, Leandro Ferreira. *Virtù e Fortuna no pensamento político de Maquiavel*. Acta Scientiarum, Maringá, v. 24, n. 1, p. 091-102, 2002.
- CANUTO, Livia Teixeira; OLIVEIRA, Adélia Augusto Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. Revista Avaliação, Campinas, v.2, n. 1, p. 350-355, mar-abr.2020.
- JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. *Introdução às Relações Internacionais: teorias e abordagens*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 2ª ed. Jandira, SP: Principis, 2021. 112 p. ISBN 978-65-5552-550-2.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio: "Discorsi"*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. 440 p.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 312 p. ISBN 978-8533623682.
- MIQUÉIAS, Serrão Marques; HOSANA, Oliveira de Andrade. A *Virtù e Fortuna* em Maquiavel. Revista Humanidade e Inovação, Palmas, v. 9, ed. 2, p. 265-274, 25 jan. 2022.
- QUEIROZ, Tereza Aline Pereira de. Considerações sobre a ideia de Renascimento. In: QUEIROZ, Tereza Aline Pereira de. *O Renascimento*. 1. ed. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 1995. v. 2, cap. 1, p. 11-20. ISBN 85-314-0287-5.
- ROTHER, E. T. Editorial: Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.
- SANTOS, Andressa de Melo. O Realismo na teoria das relações internacionais. Caderno de relações internacionais, v. 3, n. 5, 2012.